

## Mundo das Aves

# Papagaio comendo barro?

O fenômeno chamado de geofagia – consumo de solo por aves e outros animais - é ainda pouco conhecido no Brasil. Mas locais onde dezenas de espécies de psitacídeos, eventualmente centenas, se agrupam para ingerir argila, começam a ser estudados na região amazônica



Grupo de Tiribas-do-Madeira (*Pyrrhura snethlageae*): ingerindo solo

Criadores de psitacídeos já devem ter observado suas aves ingerindo pequenos bocados de solo nos viveiros. O mesmo acontece com alguma frequência com aves de zoológico, que são vistas no chão dos recintos. Muitas vezes, por não serem conhecidas as verdadeiras causas do hábito, essas aves passam por vermifugação para eliminação de eventuais vermes.

O fenômeno de ingerir solo, conhecido como geofagia, já foi documentado em várias partes do mundo. Independentemente da estação do ano, diversos mamíferos e aves frequentam áreas chamadas de barreiros, razoavelmente bem conhecidas por caçadores e

pelos habitantes de áreas florestadas. Nesses locais, antas, pacas, porcos-do-mato, veados e muitas espécies de aves e de outros mamíferos podem ser vistos durante o dia e a noite, consumindo pequenas porções de solo. E é justamente em locais como esses que os animais se tornam alvos fáceis para serem impiedosamente caçados.

Os barreiros não estão uniformemente distribuídos em uma determinada área. Formam um recurso razoavelmente raro, muitas vezes escondido no meio da floresta, não despertando atenção. Há outro tipo de barreiro, entretanto, que é ainda pouco conhecido pelos cientistas e que só agora começa a ser estudado em

detalhes. São bancos de solo exposto, nas margens dos grandes rios amazônicos, que atraem muitas espécies de aves. Especialmente pela manhã, podem ser vistos neles Pombos, Nhambus, Mutuns e outras aves, mas o que chama mesmo a atenção é a quantidade de psitacídeos que a eles acorre para consumir principalmente o solo argiloso mais claro.

Alguns leitores já podem ter visto fotos ou filmes realizados nos barreiros peruanos, onde centenas de Araras-Vermelhas (*Ara macao* e *Ara chloropterus*), Papagaios e Curicas, entre outros psitacídeos, são regularmente observadas. A maior quantidade de espécies de aves que frequentam esses locais na América do Sul



Três espécies de psitacídeos se alimentam no barreiro: Periquito-de-Asa-Azul (*Brotopogon cyanoptera*), Curica-de-Bochecha-Laranja (*Pyrrhura barrabandi*) e Tiriba-do-Madeira (*Pyrrhura snethlageae*)



Na Amazônia brasileira: barranco utilizado por psitacídeos



Par de Curicas-de-Bochecha-Laranja (*Pyrrhura barrabandi*) ingere solo no barreiro: observe a ave da direita


é formada por psitacídeos. Embora no Peru o fenômeno seja relativamente bem conhecido e estudado, apenas agora está sendo pesquisado no Brasil com maior rigor.

Duas explicações possíveis já foram aventadas para a preferência das aves por ingerir solo. A primeira estaria relacionada à dieta dos psitacídeos, rica em compostos tóxicos, cujo efeito seria neutralizado pela ingestão da argila. Uma segunda explicação residiria na possibilidade desse solo servir como suplemento para fornecer alguns minerais importantes. Mas ainda não há consenso sobre qual das hipóte-

ses é verdadeira. E existe também a possibilidade de as duas serem igualmente importantes.

Nos barreiros estudados no Brasil, os psitacídeos podem ser vistos em bandos mistos ou de apenas uma espécie. Mais de 15 espécies de psitacídeos já foram observadas neles, incluindo aí as grandes Araras-Vermelhas, Tiribas e espécies mais raras e muito pouco conhecidas, como as Curicas-de-Bochecha-Laranja.

Saber quem frequenta os barreiros, quando, como e com qual intensidade, bem como ter informações sobre a composição química dos solos consumidos é importante para o co-

nhecimento da biologia e da dinâmica das populações usuárias. A presença dessas formações tão singulares, suas particularidades e utilidade também devem ser levadas em conta nas ações conservacionistas, já que são áreas cujos recursos são preciosos para os animais que as visitam. 

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.